

## ANÁLISE SOBRE A DESINDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL

Fernanda OLIVEIRA <sup>1</sup>

**RESUMO:** Buscou-se desenvolver neste artigo uma análise a respeito dos fatores determinantes da desindustrialização brasileira nos dias atuais. Além de explicar os principais fatores envolvidos na recente perda de peso da indústria de transformação na economia, algumas soluções são propostas para tentar melhorar o papel da indústria brasileira no cenário internacional.

**Palavras-chave:** Desindustrialização. Cadeias globais de valor. Competitividade e produtividade brasileira. Países emergentes. Cadeias produtivas.

### 1 INTRODUÇÃO

Ao contrário do senso comum, a desindustrialização não é um aspecto apenas brasileiro, mas mundial. Segundo Bonelli (2013, p. 56), a Europa Central (grupo de países que inclui todos os do antigo bloco socialista e as novas repúblicas surgidas do desmembramento da União Soviética), apresentava grau de industrialização de 26,9% em 1970 e de 15,5% em 2010. Os países da OCDE (grupo de 24 países que, na compreensão do autor, compreende a Europa Ocidental acrescida de EUA, Canadá, Japão, Israel, Austrália e Nova Zelândia) em 1970 tinham grau de industrialização de 25,8% e em 2010 de 14,4%. Na América Latina, composta de 30 países, esse número era de 21,7% em 1970 e, 40 anos depois, caiu para 14,9%.

Já os países da Ásia, com destaque para o comportamento da China, apresentavam grau de industrialização de 20% em 1970 e de 27,2% em 2010.

O debate sobre desindustrialização no Brasil vem ganhando relevância, abordando temas como produtividade e competitividade internacional. De acordo com dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI), 2014, na comparação

---

<sup>1</sup> Discente do 4º ano do curso de Administração do Centro Universitário "Antônio Eufrásio de Toledo" de Presidente Prudente. E-mail: fernandaoliveira.745@gmail.com

entre 15 países, o Brasil ocupa a penúltima colocação na avaliação de oito fatores determinantes da competitividade, à frente da Argentina. Ainda, ocupa a 4ª posição quanto à disponibilidade e custo de mão de obra e a última posição quando o fator avaliado é a disponibilidade e custo de capital.

Segundo Pessoa (2013, p. 46), muitos fatores estão envolvidos com a perda de peso da indústria na economia, entre eles: Caráter cíclico da economia mundial; integração China, Índia e outros países que aumentam a concorrência e a perda de peso da indústria em relação ao setor de serviços. Entender cada um desses fatores ajuda a entender o atual processo de estagnação da atividade manufatureira no Brasil.

O artigo está dividido em quatro seções: A primeira seção traz esta breve introdução; a segunda trata a respeito dos fatores que foram listados acima como determinantes da desindustrialização; a terceira seção discorre a respeito de possíveis soluções para o problema e a última seção traz a conclusão do trabalho.

## **2 DETERMINANTES DA DESINDUSTRIALIZAÇÃO**

### **2.1 O caráter cíclico da economia**

Desde 2008 o mundo enfrenta uma crise econômica de grandes proporções, cujos efeitos mostram-se presentes na indústria de transformação. De acordo com dados da FUNCEX (Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior), 2015, no acumulado do ano até abril de 2015, o total exportado foi de 57,9 bilhões, registrando queda de 16,4% em relação ao mesmo período de 2014. Todas as classes de produtos registraram queda, com destaque para as exportações de produtos básicos e manufaturados, com queda de 23,6% e 11,3%, respectivamente. Com a perda da bonança de exportações dos últimos anos, o cenário torna-se

pessimista para a economia em geral. Ainda segundo o mesmo relatório, o Brasil apresenta déficit da balança comercial de 5,1 bilhões.

Contudo, não é justo culpar apenas a conjuntura internacional, mas também as decisões econômicas que foram tomadas no período anterior à crise, quando o país assistiu a uma massiva entrada de capitais estrangeiros oriundos do “boom das commodities”. Esse fato permitiu enormes ganhos sociais, porém o crescimento foi orientado para o consumo, base insustentável de uma economia. Castelar (2015, p. 48), afirma que, nesse período, o alto preço das commodities tornou possível estimular a demanda doméstica com importações, já que o impacto sobre as contas externas e a inflação era minimizado. No entanto, com o fim desse ciclo, o Brasil corre o risco de ver os ganhos conquistados se perderem por falta de sustentabilidade.

De acordo com Bacha (2013, p. 98):

A bonança externa gera uma expansão do gasto doméstico, tanto sobre bens comerciáveis (bens exportáveis e bens importáveis) como sobre bens domésticos (notadamente serviços que não entram no comércio exterior). A maior demanda por bens comerciáveis faz com que o país exporte menos e importe mais. A maior demanda por bens domésticos, que não podem ser importados, eleva os preços desses bens, cujos produtores passam a demandar mais mão de obra para satisfazer a demanda acrescida. A elevação consequente dos salários reduz a rentabilidade da produção de bens comerciáveis, cuja oferta, então, se contrai.

Dessa forma, o custo de produção se eleva e o produto nacional perde competitividade com o produto importado. A mão de obra que antes estava empregada no setor industrial migra para o setor de serviços, agora em uma situação de pleno emprego. Esse fato caracteriza o processo de desindustrialização brasileira.

## **2.2 Concorrência internacional - o Leste asiático**

Desde 1980, um fato importante que vem surgindo é a existência de cadeias globais de valor, definidas como processos de integração de diversas empresas do mundo, que comercializam produtos entre si, de acordo com as vantagens comparativas de cada uma.

Recentemente, de acordo com Baumann e Kume (2013, p 254-256), esse modelo está acontecendo entre países. O maior exemplo vem do Leste Asiático, onde existe forte integração entre a China e seus vizinhos – estima-se que as transações intrasetoriais respondam por 60% do comércio de bens de produção.

A China importa os componentes necessários à produção em diversos países e assume a etapa de maior valor agregado – o produto final. Isso só é possível porque ela possui baixos custos de produção e facilidade para importar insumos a cada etapa, características ainda não vistas no Brasil.

Baumann e Kume (2015, p 255) explicitam a importância das cadeias globais de valor:

[...] A experiência recente de sucesso exportador por parte dos países do Leste Asiático traz a novidade de apresentar um regionalismo baseado em encadeamentos produtivos. Isso traz à agenda, para a política de comércio exterior brasileira, o desafio de criar, com seus vizinhos, laços de integração produtiva que não apenas possibilitem o acesso a custos de produção mais baixos, mas, sobretudo, permitam fazer face à concorrência externa que tem tomado mercado da produção brasileira até nos mercados próximos.

Devido à pressão de produtos importados da China, Índia e Coreia do Sul, o governo tomou diversas medidas para proteger a indústria nacional. Pessoa (2015, p. 12) afirma que o Brasil vem se fechando ao comércio internacional, colocando em prática políticas como eleição das “campeãs nacionais”, direcionando desonerações tributárias a determinados segmentos e bens em vez de criar incentivos que se estendam a todos os setores produtivos. Assim como a política de conteúdo nacional, reedição da lei do “similar nacional”, onde produtos importados são praticamente barrados pela existência de produtos similares nacionais, provocando enormes custos de oportunidade de recursos sociais.

### **2.3 Perda de peso da indústria e o setor de serviços**

Com a perda de competitividade do produto nacional diante dos importados, a indústria se encolheu e o efeito deletério foi a migração da mão-de-obra fabril para o setor de serviços.

De acordo com Macmillan e Rodrik (2015, 23-27), países como China e Índia apresentaram mudanças estruturais de trabalhos pouco produtivos para altamente produtivos, o que contribuiu para o crescimento desses países. Ao

contrário, países da América Latina viram o mercado de trabalho ir na direção contrária: de empregos com alto valor agregado para empregos de pouco valor agregado, destacando-se a informalidade e o setor de serviços.

### **3. PROPOSTAS PARA UMA NOVA POLÍTICA INDUSTRIAL**

Passos (2015, p. 17) deixa claro que uma das principais necessidades de mudança da política industrial está na adoção de políticas mais horizontais, que abrangem a economia como um todo, como por exemplo, a competitividade na base das cadeias produtivas, nos insumos.

Ou seja, em vez de o Brasil adotar políticas de desonerações para setores específicos, ele deveria priorizar a redução de custo dos insumos básicos de produção, beneficiando não somente os segmentos de insumos e bens de capital, como também outros setores que os utilizam. Stark (2015, p. 14) explica:

É preciso substituir esse modelo por desonerações e facilitações no início da cadeia produtiva, para que os primeiros passos de agregação de valor passem a ser competitivos globalmente, para que as empresas que estão no país voltem a comprar dos fornecedores locais, e com isso a gente vá aumentando a escala, ganhando competitividade, e os fornecedores passem a exportar também, não dependendo apenas do mercado local.

Outro ponto importante é o fechamento da economia ao comércio internacional, que penaliza as indústrias com custos de produção maiores. Baumann e Hume (2015, p. 267) defendem que a abertura da economia brasileira à importação de bens intermediários e de capital a preços mais baixos contribuem para elevar a produtividade, não significando proteção nula, mas apoio a instrumentos como inovação e competitividade. As empresas beneficiadas passam a ser exportadoras ou aumentam a relação exportação/faturamento, evidenciando o forte sentido entre abertura, ganho de produtividade e aumento de exportações.

O mapa estratégico da indústria (2013-2022), elaborado pela CNI (Confederação Nacional da Indústria), coloca a educação em primeiro lugar como fator chave para o ganho de competitividade da indústria. Em seguida vêm fatores relacionados ao ambiente de atuação da indústria, fatores relacionados a custos, inovação e produtividade.

De acordo com o relatório, a educação é o principal determinante para a competitividade e produtividade da indústria brasileira. Basta ver os resultados alcançados pelo ensino público para perceber o longo caminho que o Brasil tem pela frente – No último relatório do PISA, sigla em inglês para “Programa internacional de Avaliação de Estudantes”, realizado em 2012 com 65 países, o Brasil ficou em 55º em leitura, 58º em matemática e 59º em ciências.

O país precisa melhorar os níveis educacionais de sua população se quiser almejar posições de destaque entre as demais nações e ganhar conhecimento – o mais valioso ativo.

#### **4 CONCLUSÃO**

Podemos concluir que a desindustrialização tem afetado outros países além do Brasil, porém somos particularmente mais tendenciosos a sofrer as consequências de uma desaceleração econômica mundial devido aos problemas estruturais enraizados há muito tempo no país, como altos custos de produção, baixos níveis de educação e produtividade pífia.

Depois de ter passado por um período de prosperidade econômica (2004-2008) devido ao “boom” de commodities, o Brasil vem colhendo os frutos de políticas mal planejadas, haja vista a ineficiência de medidas como as desonerações setoriais e as limitações às importações.

O grande desafio do Brasil hoje é melhorar os níveis de produtividade para conseguir se integrar às cadeias globais de valor. Muitas medidas devem ser tomadas para atingir esse objetivo, mas no topo da lista está a educação.

Concluindo, o país precisa desenvolver seus potenciais, tanto minerais, agrícolas, como de serviços e manufaturas, para citar Albert Fishlow: “[...] Poucos países podem se beneficiar de uma base tão diversificada. Talvez Deus seja mesmo brasileiro”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHA, Edmar Lisboa; BOLLE, Monica Baumgarten de (Org.). **O futuro da indústria no Brasil: desindustrialização em debate**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. 418 p.

COMPETITIVIDADE Brasil: comparação com países selecionados. **Site do portal da indústria**. Disponível em: < <http://www.portaldaindustria.com.br/cni/publicacoes-e-estatisticas/estatisticas/2015/01/1,42616/competitividade-brasil-comparacao-com-paises-selecionados.html> >. Acesso em: 14 Jun 2015.

CONJUNTURA ECONÔMICA. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1947-. Mensal.

MAPA estratégico da indústria (2013-2022). **Site do CNI (Confederação Nacional da Indústria)**. Disponível em: < <http://www.portaldaindustria.com.br/cni/o-que-a-cni-faz/mapa-estrategico-da-industria/2013/05/1,13421/mapa-estrategico-da-industria-2013-2022.html> >. Acesso em: 25 Jun 2015.

RELATÓRIO Pisa 2012. **Site do Inep**. Disponível em: < <http://portal.inep.gov.br/pisa-programa-internacional-de-avaliacao-de-alunos> >. Acesso em: 25 Jun 2015.

SALA de imprensa. Empregos na indústria caem 0,9% em abril. **Site do IBGE**. Disponível em:

< <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/pt/noticias?view=noticia&id=1&idnoticia=2915&busca=1&t=emprego-industria-cai-0-9-abril> >. Acesso em: 24 Jun 2015.